

PRÁTICA DO ALEITAMENTO MATERNO: A CULTURA FAMILIAR NA TRANSFERÊNCIA DE CONHECIMENTOS

PRACTICE OF MATERNAL BREAST FEEDING PERIOD: THE FAMILIAR CULTURE IN THE TRANSFERENCE OF KNOWLEDGE

Lilian Mara Consolin Poli¹
Ivete Palmira Sanson Zagonel²

RESUMO: Trata do processo de aleitamento materno, considerando o contexto cultural do ser mulher que amamenta, inserida na família, enquanto estrutura contributiva na transferência de conhecimentos. Aponta os vários fatores que influenciam a prática do aleitamento materno, entre os quais a experiência anterior, o estado emocional e o apoio familiar. Enfoca o papel do enfermeiro no processo de interação familiar diante do aleitamento materno, através da responsabilidade em conhecer e analisar com a família, as práticas adotadas, levando em conta a cultura, as condições e a multidimensionalidade desse momento. O cuidado de enfermagem, portanto, emerge do contexto familiar e cultural e desenvolve-se através dele.

PALAVRAS CHAVE: Aleitamento materno; Cuidados de enfermagem; Família.

INTRODUÇÃO

Acreditando na relação de transferência de conhecimentos específicos da família com relação a prática do aleitamento materno e na influência exercida ao ser mulher que amamenta, é que propõe-se neste artigo, tecer algumas considerações.

Os coeficientes elevados de morbi-mortalidade do grupo materno-infantil no Brasil, mostram nos últimos anos, que apesar de avanços científicos e tecnológicos, continuam a apresentar dificuldades importantes nas condições de saúde deste grupo populacional. Estas dificuldades, não situam-se apenas nas precárias condições de vida da população brasileira, mas também e principalmente, na assistência à saúde prestada ao grupo materno-infantil, assim como, pelas práticas de saúde não incorporadas por este mesmo grupo.

Reconhece-se a prática do aleitamento materno, como responsável na diminuição da morbi-mortalidade infantil. Grandes campanhas em prol do aleitamento materno tem sido realizadas, porém percebe-se que ainda são insuficientes para que a efetiva prática do aleitamento materno seja incorporada aos hábitos e comportamentos de todas as mulheres. É atribuída à mãe, muitas vezes, a responsabilidade pelo sucesso ou não da amamentação. A explicação de não conseguir, amamentar são referentes aos determinantes biológicos como "tive pouco leite", "meu leite não sustentava meu filho" ou "meu filho não quis mais mamar no peito".

A prática do aleitamento materno tem sido objeto de estudo por vários autores. Entre esses, Bissani et al.; Goldemberg; Martins Filho; e Sichieri, citados por Marcon (1996), revelam que na maioria das vezes, 50% das crianças aos três meses, já foram desmamadas e que somente 20% das crianças são amamentadas até os seis meses.

Tais dados são confirmados pela pesquisa realizada por Poli et al. (1997) abrangendo 702 mulheres que compareceram na 2ª fase da Campanha Nacional de Multivacinação. Neste caso, o índice encontrado de 34% das crianças que foram desmamadas no 1º mês de vida, evidencia a importância de se analisar os fatores que levam ao desmame precoce.

¹ Docente do Departamento de Enfermagem do Centro de Estudos Superiores de Londrina (CESULON), atuando na disciplina Materno-Infantil. Enfermeira do Serviço Municipal de Saúde. Mestranda em Assistência de Enfermagem (Mestrado Interinstitucional UFSC/UFPR) e associadas.

² Enfermeira. Professora Adjunto do Departamento de Enfermagem da Universidade Federal do Paraná. Doutora em Enfermagem, atuando na área Materno-Infantil. Coordenadora do GEPECH- UFPR (Grupo de Estudos, Pesquisa e Extensão em Cuidado Humano).

O processo de aleitamento materno não é somente um ato biológico. O ato de amamentar perpassa pela tomada de decisão da mulher, da vontade, do desejo de amamentar, momento este que envolve a revisão de seus vários papéis sociais, coloca em movimento a integralidade de ser mulher, estabelecendo modificações importantes em seu viver. Ao rever seu modo de ser, está identificando e estabelecendo parâmetros para avaliar sua tomada de decisão. Este aspecto contribui para lhe dar segurança diante do processo de amamentação.

A mulher que amamenta passa por um processo avaliativo e estimativo, que o vivencia considerando riscos e benefícios, segundo Silva (1997, p.250). A prática do aleitamento materno está associada as representações sociais, abrangentes e vinculadas, como estabelece Araújo (1997, p.211) “à vivência cultural, à ideologia, o estrato social de cada mulher”.

Nesse sentido, “a amamentação deve ser vista como uma categoria híbrida, que se constrói a partir de características, atributos e propriedades definidas tanto pela natureza como pela cultura” como enfatizam Almeida e Gomes (1998, p.75). Estabelecem ainda, que o aleitamento materno deve ser tratado como resultante de fenômenos regidos pelas leis da ciência e dos homens, simultaneamente. A amamentação assume diferentes significados entre as várias culturas, como salienta Silva apud Silva (1997, p.17), “sendo um comportamento social mutável conforme as épocas e costumes”.

Vários fatores influenciam a prática do aleitamento materno como a experiência anterior e o estado emocional do ser mulher que amamenta; assim como, o apoio dos serviços de saúde, do trabalho, da comunidade, da mídia e da família. A mulher que amamenta, necessita de um espaço para expor seus medos, temores, prazeres, dúvidas e para conseguir equilíbrio que possibilite a amamentação.

Percebo que o papel da família nesse processo, tem sido muitas vezes, determinante e influente na tomada de decisão do ser mulher, em como alimentar seu filho. A família fornece orientações à mãe sobre a melhor prática alimentar a ser implementada com a criança. Cada família tem uma história de vida, que vai se construindo e se perpetuando durante o tempo, constituindo a base dos ensinamentos, crenças e valores repassados aos membros da família, a qual possui orientações diversas sobre a prática do aleitamento materno e/ ou alimentação da criança, e estas são específicas para cada família.

Quando nasce uma criança, a família desempenha alguns papéis com o intuito de ajudar a mulher e seu filho nessa fase delicada da vida. Essa relação ocorre, na sua grande maioria, automaticamente; tornando-se até obrigatório em algumas famílias. Associada a essa ajuda familiar surgem formas de cuidar específicas de cada família, influenciadas pelas culturas diferentes. Através desse cuidar, a família transmite práticas e orientações próprias, calcadas em sua própria história e experiência de vida.

A CULTURA PRESENTE E ATUANTE NA FAMÍLIA

A educação do indivíduo é historicamente determinada, ou seja, marcada por fatores históricos que transcendem os indivíduos como refere Gelbert (1993, p.83) de que cada indivíduo possui conceitos, representações e fantasias, que o marca desde o início de sua existência. “É como se cada um tivesse a cultura dentro de si, circulando pela corrente sanguínea, sem que se apercebesse disso”. Todo indivíduo, portanto, possui uma história de vida, uma cultura que irão marcar suas ações em sua própria vida.

O homem é um ser que aprende, constrói sua existência a partir de imensa gama de possibilidades, está em aberto. O homem para Marques (1995, p.15) “nasce no seio de uma cultura viva e só é como tal à medida que assumida como desafio de permanente reconstrução pela atribuição dos sentidos que infere a seu convívio em sociedade e na estruturação da própria personalidade”.

O que é cultura então? Tylor's apud Helman (1994, p.22) define cultura como sendo “um complexo formado por conhecimento, crenças, artes, moral, leis, costumes e toda e qualquer capacidade ou hábito adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade”. Já Keesing apud Helman (1994, p.22) enfatiza que as culturas compreendem “sistemas de idéias compartilhadas; sistemas de conceitos, regras e significados que modelam e são expressas nas formas como os humanos vivem”. Helman (1994, p.22) considera que “cultura é um conjunto de princípios (explícitos e implícitos) herdados pelos indivíduos enquanto membros de uma sociedade em particular”; esses princípios mostram a forma de ver o mundo, de vivenciá-lo, de comportar-se dentro dele; refere ainda que a cultura pode ser considerada como uma “lente herdada através da qual os indivíduos percebem e compreendem o mundo que habitam, aprendendo viver dentro dele”.

Silva (1999, p.28) citando Velho; Minayo ; Sanches e Leininger, refere que o estudo da cultura permite compreender a influência da cultura nas questões ligadas a saúde; esclarecendo fenômenos, fatos específicos de grupos.

É evidente que a cultura se faz presente e atuante em toda família, sendo necessária portanto, uma atuação mais consciente ao que aqui denomina-se, trinômio – mãe-filho e família. Na prática profissional, percebe-se que mesmo após cuidar do binômio mãe-filho com relação a prática do aleitamento materno, muitas vezes, no seguimento do cuidado, a mulher que amamenta informa que ofereceu mamadeira por receber orientações de familiares para dar leite de vaca, pois seu "leite era fraco", ou algo semelhante; mostrando a importância de se trabalhar com o referido trinômio, se possível de forma compartilhada.

De acordo com Chenitz e Swanson citados por Silva (1997, p.35), o ser humano inserido na sociedade, interage com o meio do qual emerge, sendo ator e reator, inserido numa sociedade composta de culturas na qual interagem valores e expectativas.

As famílias possuem justificativas com relação as práticas escolhidas de aleitamento materno e/ou alimentação da criança, porém percebe-se, que quando explicado o motivo para efetuar mudanças na prática escolhida, muitas vezes consegue-se resultados positivos se a família possui os mesmos objetivos dos profissionais, ou seja, fazer com que a mãe tenha sucesso no aleitamento materno; justificando que o nosso cuidar também deve ser centrado na família da mulher que amamenta.

Nesse sentido, Carvalho apud Centa (1998, p.18), refere que toda família tem e cria uma história onde estabelece um nível de relacionamento com o ambiente, modificando-o e sendo modificada por ele; a partir de uma dada situação e enfrentando um determinado acontecimento, a família encontra várias soluções e caminhos para seguir e atingir seus objetivos.

Ao realizar uma análise sobre um dos fatores do declínio da prática do aleitamento materno, como atribuído à mudança da estrutura familiar na sociedade moderna urbana, Orlandi (1985, p.124), expõe que "a jovem mãe não tem mais o apoio, a ajuda e o incentivo dos parentes mais velhos (avós, tias, irmãs, etc.), elementos facilitadores do aleitamento materno". Acredito que a família seja facilitadora do processo do aleitamento materno, porém, é necessário que se faça uma análise da cultura familiar existente .

Com relação a esse enfoque, Beltrão apud Santos (1996) refere que em qualquer sociedade, "... a família tem sido a instituição fundamental para a transmissão daquelas maneiras típicas de viver que os antropólogos denominam de cultura". Este autor, cita ainda, que as famílias possuem funções, sendo divididas em dois grandes grupos: "as institucionais, que compreendem a biológica, econômica, estratificada, protetora, cultural e integrativa; e as pessoais, que se referem à conjugal, parental e fraternal". Essas funções se manifestam de forma mais ou menos intensa, de acordo com o período do ciclo vital em que se encontra a família. Entendo, portanto, que os familiares do ser mulher que amamenta tem muitas vezes participação decisiva no processo de aleitamento materno, transmitindo a herança cultural que possuem.

O homem possui crenças, valores, conhecimentos e experiências historicamente adquiridas e acumuladas através das gerações, onde ditam seu comportamento, como explicita Stort apud Centa (1998, p.24), ou seja, justificam suas realizações, interferem na satisfação de suas necessidades, manifestando nos modos de vida e de relações, se adaptando e se organizando de acordo com seus interesses, valores, necessidades e desejos.

O PAPEL DO ENFERMEIRO NO PROCESSO DE INTERAÇÃO FAMILIAR

Quanto ao papel do enfermeiro na prática do aleitamento materno, Araújo (1997, p.211) refere que o enfermeiro necessita ter consciência de que o ato de amamentar não acontece com pessoas abstratas, mas com pessoas concretas, inseridas num contexto real de vida e que em algumas situações, pode significar a diferença entre a vida e a morte, a saúde e a doença; acredita que "a prática de enfermagem deve ser crítica, intencional e compromissada com a transformação qualitativa da realidade, além de teoricamente fundamentada".

Nakano et al (1998) analisa em seu trabalho, discursos de um grupo de enfermeiras e respectiva clientela acerca do aleitamento materno, revelando reconstruções funcionais de conteúdos científicos sobre aleitamento materno, considerado como um processo multidimensional; encontrando combinações de conteúdos históricos, alimentando as representações atuais de nossa sociedade. Concordo com o pensamento da autora, quando conclui que precisamos "perceber os condicionantes socioculturais que embasam nossa prática frente ao aleitamento materno, o que tem conduzido predominantemente ao estabelecimento de condutas baseadas em juízos morais".

Segundo Santos (1996) o enfermeiro necessita adotar um referencial teórico, para desenvolver o cuidado com famílias, não perdendo a perspectiva do contexto histórico-social-cultural-afetivo-econômico-espiritual, no qual a família está inserida, valorizando tal contexto e desempenhando ações através do processo de interação com a família.

Encontro na Teoria de Enfermagem transcultural de Leininger; essa visão, pois tem como base a premissa de que "os povos de cada cultura não apenas são capazes de conhecer e definir as maneiras, através das quais eles experimentam e percebem seu cuidado de enfermagem, mas também são capazes de relacionar essas experiências e percepções às suas crenças e práticas gerais de saúde"(George, 1993, p.287). O cuidado de enfermagem, portanto, deve emergir do contexto cultural e desenvolve-se através dele.

Segundo as idéias de Leininger (George, 1993), cada cultura possui valores culturais de cuidado, crenças e práticas específicas; oferecendo uma base aos padrões, condições e ações, associados ao cuidado do homem. Para a promoção e manutenção eficiente da saúde, bem como para a recuperação da saúde, é fator determinante efetuar o cuidado de enfermagem com bases culturais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acredito, que o enfermeiro tem a responsabilidade de conhecer e analisar, com a família, suas orientações e práticas de saúde adotadas, com a finalidade de mudar a realidade quando necessário. O enfermeiro precisa perceber e respeitar a heterogeneidade cultural do contexto em que atua; conhecendo, aprendendo e ensinando. Esse paradigma necessita ser aprimorado, ou talvez até construído para que esse profissional possa estabelecer um efetivo processo interativo com o ser mulher que amamenta e sua família; desta forma estará considerando o aleitamento materno não só como uma determinação biológica mas como um ato humano.

Nesse processo de atuação, o enfermeiro necessita ter como salienta Marques (1995, p.12,19) "a percepção do mundo como totalidade historicamente concreta e aberta para a categoria da exterioridade/alteridade, em que se fundam as distinções, as oposições e as possibilidades externas e internas do pensar e do agir... Perceber o mundo da vida enquanto horizonte de sentido, pano-de-fundo em cuja facticidade habitam os pressupostos que o transcendem e do qual irradiam a cultura, a sociedade e a personalidade distintas de cada um". Sugiro que novos estudos sejam realizados para desvendar a complexidade do processo de aleitamento materno inter-relacionado ao contexto cultural familiar.

ABSTRACT: It's about the process of maternal breast feeding period, considering the cultural context of the woman human being that suckles, inserted in the family during the time that it is a structure that contributes in the transference of knowledge. Points the several factors that affects the practice of maternal breast feeding period among them the previous experience the emotional condition and the familiar support. Focalizes the role of the male nurse in the process of familiar interaction on the maternal breast feed period through the responsibility in knowing and analysing with the family the adopted practices, considering the culture, the conditions and the multidimensionality in this moment. The nursing care, consequently, emerges of the familiar and cultural context and expands through it.

KEY WORDS: Breast feeding; Nursing care; Family.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ALMEIDA, J. A. G. de; GOMES, R. Amamentação: um híbrido natureza-cultura. Rev. Latinoam. Enferm. Ribeirão Preto, v.6, n.3, p.71-76, 1998.
2. ARAÚJO, Lylian Dalete Soares de. Querer/Poder amamentar. Uma questão de representação? Londrina: Ed da UEL, 1997.
3. CENTA, Maria de Lourdes. Do natural ao artificial: a trajetória do casal infértil em busca do filho desejado. Florianópolis, 1998. Tese (Doutorado em Filosofia de Enfermagem) – Universidade Federal de Santa Catarina.

4. GELBERT, Sarita Olga. Quem educa quem?. In: MELO, Joaquim Alberto Cardoso de. Educação: razão e paixão. Rio de Janeiro: ENSP,1993.
5. GEORGE, Julia B. et al. Teoria de enfermagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
6. HELMAN, Cecil G. Cultura, saúde e doença. Porto Alegre : Artes Médicas, 1994.
7. MARCON, Sonia Silva. Vivência de mulheres sobre o desmame (tardio) da criança. Rev. Gaúcha Enferm., Porto Alegre, v.17, n.1, p. 43-50, jan., 1996.
8. MARQUES, Mario Osorio. Aprendizagem na mediação social do aprendido e da docência. Ijuí : UNIJUÍ, 1995.
9. NAKANO, Ana Márcia Spanó et al. O significado do aleitamento materno para um grupo de profissionais enfermeiros e da clientela por eles assistida. Acta Paul. Enf., São Paulo, v.11, n.2, maio/ago., 1998
10. ORLANDI, O. V. Teoria e prática do amor à criança: introdução à pediatria social no Brasil. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
11. POLI, L.M.C., et al. Perfil do aleitamento. In: ENCONTRO NACIONAL DE ALEITAMENTO MATERNO, 4., 1997, Londrina. Anais. Londrina, 1997.
12. SANTOS, Beatriz Regina Lara dos. Relações familiares e identidade de gênero: uma contribuição para a assistência de enfermagem à família em expansão. Rev. Gaúcha Enferm., Porto Alegre, v.17, n.2, p.92-99, jul., 1996.
13. SILVA, Isilia Aparecida. Amamentar – uma questão de assumir riscos ou garantir benefícios. São Paulo: Robel Editorial, 1997.
14. SILVA, Waldinei Viana da. Convivendo com obstáculos e fazendo o que se pode : a comunicação interpessoal na assistência pré-natal. São Paulo, 1999. Tese (Doutorado em Enfermagem) – Universidade de São Paulo.

